

HISTÓRIA, VESTÍGIOS E MEMÓRIA SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NO TERRITÓRIO DA SERRA DA CAPIVARA

Vivian Claudina dos Santos Sousa

Aluno de Licenciatura em História

E-mail: viviansousa2000@aluno.uespi.br

Cristiane Maria Marcelo

Professora do curso de Licenciatura em História/UESPI-SRN

E-mail: cristiane.marcelo@srn.uespi.br

RESUMO

O trabalho objetiva apresentar os resultados parciais do projeto de iniciação científica “Histórias, vestígios e memórias sobre os povos indígenas no território Serra da Capivara: debates e possibilidades pedagógicas”. A proposta geral do projeto é fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o que já foi elaborado sobre o tema entre os anos de 2007 e 2025 com o intuito de identificar tendências de abordagens, apontar eventuais lacunas, construir propostas pedagógicas para divulgação entre os docentes da região e promover ações de divulgação científica. A pesquisa reveste-se de um caráter exploratório, de natureza qualitativa e quantitativa, pois almeja fazer um balanço da área a partir da perspectiva do estado da arte. Em termos teóricos, nos apoiamos nas concepções de um ensino de história crítico e transformador, assim como na percepção do indígena enquanto agente de sua própria história (Costa, 2011; Celestino, 2017). Em nossos estudos iniciais sobre os indígenas pimenteiras, percebemos que várias estratégias de defesa foram colocadas em prática para resistirem aos objetivos de submissão dos colonizadores portugueses durante o contexto colonial.

Palavras-chave: Indígenas; Serra da Capivara; resistência; Piauí.

1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação objetiva apresentar os resultados parciais do projeto de iniciação científica “Histórias, vestígios e memórias sobre os povos indígenas no território Serra da Capivara: debates e possibilidades pedagógicas”, submetido ao edital PIBIC/UESPI 2025. A proposta geral do projeto é fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o que já foi elaborado sobre o tema entre os anos de 2007 e 2025 com o intuito de identificar tendências de abordagens, apontar eventuais lacunas, construir propostas pedagógicas para divulgação entre os docentes da região e promover ações de divulgação científica.

Em termos teóricos, dialogamos diretamente com os debates acadêmicos da nova história indígena que se fortaleceram no Piauí a partir dos anos 2010 e buscam justamente explorar as diversas estratégias de enfrentamento, resistências, apropriações, negociações

colocadas em prática pelo elemento indígena desde o período colonial para sobreviverem em meio a contextos políticos, econômicos, sociais e culturais desfavoráveis. Sem negar a violência extrema a que foram submetidos, os pesquisadores entendem que as interpretações em torno do elemento indígena não podem ser limitadas às visões de massacre, dizimação. É preciso considerar e explorar os diversos mecanismos utilizados para ressignificarem e sobreviverem em meio a novos códigos, comportamentos, símbolos e os impactos que tais ressignificações transformaram a sua forma de ver o mundo (Costa, 2011, 141-161; Almeida, 2011, p.105-131).

A pesquisa é também um caminho para colocar em prática algumas das orientações das Diretrizes para a implementação da História e das Culturas dos Povos Indígenas na Educação Básica, conforme preconizado na Lei 11645/2008. Neste sentido, o projeto buscará desenvolver ações que colaborem na superação das desigualdades étnico-raciais e que reforcem o respeito à diversidade e ao multiculturalismo da nossa sociedade.

Em termos metodológicos, o portal de periódicos da CAPES será uma das nossas principais bases de pesquisa bibliográfica. O Portal de Periódicos da CAPES é uma plataforma que reúne uma ampla coleção de materiais científicos, sendo uma referência para pesquisadores no Brasil. Ele oferece acesso gratuito a artigos de periódicos nacionais e internacionais, livros digitais, e-books, normas técnicas e bases de dados como Scopus, Web of Science, Nature e JSTOR. Além disso, disponibiliza teses e dissertações em diversas áreas do conhecimento.

Para além da possibilidade que temos de confrontar diferentes pontos de vista elaborados ao longo do tempo, Telma Cristiane Lima e Regina Miotto (2007) afirmam que “a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações”. Estes dados como imagens, quadros, gráficos, mapas, relatos orais presentes nos trabalhos serão essenciais para o desenvolvimento das nossas análises.

4 RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Conforme informado, o projeto está em fase inicial de desenvolvimento voltada para a pesquisa e debate de referências bibliográficas. Os dois trabalhos lidos e discutidos até o momento focam em diferentes perspectivas sobre indígenas do Sudeste do Piauí. A tese de Ana Stela de Negreiros Oliveira (2007) é voltada para o lado social e cultural, explorando a

trajetória dos Pimenteiras e suas lutas para preservarem as suas identidades e referências. A dissertação de Rômulo Macêdo Barreto de Negreiros (2012) tem um olhar arqueológico, realçando os vestígios materiais deixados nas fazendas invadidas pelos pimenteiras, sendo algumas localizadas em territórios quilombolas, como é o caso da Fazenda São Vitor, nome de uma localidade do Quilombo Lagoas.

A partir da leitura dos dois trabalhos, percebemos que a existência de povos indígenas na caatinga piauiense é bastante antiga. Muitos vieram fugidos de outras regiões para o sul da capitania do Piauí, no contexto colonial, em busca de novos lugares para viver e para não serem catequizados. Além da fuga contra o colonialismo, há outras circunstâncias que trouxeram os indígenas ao sul do Piauí como o acesso às águas dos rios São Francisco e Gurguéia que foram muito importantes, já que esses grupos viviam essencialmente da caça e da agricultura.

A vida desses povos, no entanto, foi comprometida após a chegada dos colonizadores ao sul do Piauí, a partir de meados do século XVIII, que desejavam colonizar os indígenas, domesticá-los e utilizá-los como mão-de-obra barata nas fazendas de gado que iam sendo criadas. O que se sabe sobre esses povos, segundo Ana Stela de Negreiros Oliveira (2007), é através de alguns relatos de documentos registrados pelo governo na época e testemunhos orais de moradores locais.

Nos poucos registros e cartas escritas para a Coroa Portuguesa, os moradores retratam os indígenas como bárbaros, pessoas que querem arrumar confusão com moradores locais em suas fazendas e casas. Mas será mesmo que os indígenas eram os vilões da História? Escavando a história dos indígenas na região durante o contexto colonial, percebemos que o problema vai muito mais além, envolve situações étnico-raciais e a tentativa violenta de menosprezar a identidade cultural desses nativos, considerados selvagens e percebidos como um perigo para as pessoas consideradas civilizadas (entendidas como pessoas brancas).

O objetivo de “civilizar” povos indígenas de forma cultural e pelo uso da violência, no entanto, não foi uma tarefa fácil. Soldados, governantes e até mesmo a população local tiveram uma certa dificuldade, pois o que eles não esperavam era a resistência bruta e corajosa dos povos originários contra eles, o que foi o pontapé inicial para os enfrentamentos entre os indígenas e o governo do Piauí, por quase quarenta anos, entre 1769 e 1815. Embora existissem distintos grupos indígenas (Acroás, Tremembés, Jaicós etc.), os que mais se destacaram no conflito iniciado em 1769 foram os Pimenteiras.

Os registros públicos fazem parecer que os indígenas eram os vilões, que causavam importunações aos moradores das pequenas localidades. Os pimenteiras, por se sentirem ameaçados, invadiam as fazendas e casas, ateavam fogo sobre elas, além de roubarem animais de criação que pudessem servir de alimento. Seus métodos de protestos eram inúmeros. Muitas vezes envenenavam arcos e flechas e miravam sobre cavalos e pessoas, além de cometerem assassinatos, fazendo alguns moradores locais como vítimas, como foi o caso de Faustino Pereira, proprietário da Fazenda Sítio da Aldeia, assassinado de forma bastante violenta pelos Pimenteiras em 1769. A família de Faustino, assim como vários outros moradores, resolveram fugir e se abrigarem em outras comunidades temendo o mesmo fim do fazendeiro.

Os Pimenteiras eram muitos estrategistas e tinham o espaço geográfico a seu favor nesta batalha, isso fica perceptível na dissertação de Rômulo Macêdo de Negreiros (2012). Os Pimenteiras eram caracterizados por mudarem de lugar frequentemente, tanto é que ganharam o nome “Pimenteiras”, devido ter sido no Sítio das Pimenteiras, o local que eles passaram mais tempo e que na atualidade corresponderia ao território de desenvolvimento Serra da Capivara, formado por 18 municípios. Além da invasão de fazendas em São Raimundo Nonato, São Lourenço e Coronel José Dias, os Pimenteiras fizeram rastros em localidades mais afastadas como por exemplo na Fazenda das Formigas (Hoje conhecido como Caracol), Jurema, Várzea Branca e Anísio de Abreu (na época conhecido como Fazenda Tamanduá).

Os pimenteiras também tinham conhecimentos de como sobreviver ao intenso calor do sertão e onde encontrar alimentos na escassez, ao contrário dos agentes colonizadores que muitas vezes se viam perdidos diante da realidade do sertão.

Um fator curioso nessa época é que apesar de os agentes da colonização possuírem armamentos de fogo, demorou 20 anos para o primeiro grande confronto contra os pimenteiras, o que os levou a procurarem outras estratégias já que a população que arcava com as custas das expedições não aguentava mais. Uma dessas estratégias foi capturar mulheres negras e indígenas para usá-las como tradutoras, mediadoras entre os dois grupos.

Essas relações entre povos indígenas e colonizadores resultaram na formação de algumas ligações matrimoniais. Segundo Rômulo Macêdo Barreto de Negreiros (2012), foram encontrados registros de casamentos no Cartório Civil de São Raimundo Nonato-PI entre mulheres indígenas e homens brancos. Essa realidade faz lembrar da união do sobrinho do colonizador José Dias Soares que foi capturado e aprisionado pelos Pimenteiras ainda muito

jovem e se apaixonou por uma indígena de nome Marreca. Quando foi resgatado, o sobrinho de José Dias Soares se negou a voltar à sua velha vida e optou por ficar ao lado da nova família que construiu em uma fazenda da família. Essa relação deu origem à família Dias-Marreca, cujos descendentes vivem atualmente em várias localidades do município de Caracol e se reconhecem como indígenas (Santos, 2021). Uma dessas localidades é o Assentamento Saco, que será fruto de estudo da nossa próxima etapa de pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos trabalhos de Rômulo Macêdo Barreto de Negreiros (2012) e Ana Stela de Negreiros Oliveira (2007), conclui-se que indígenas não só no Piauí, mas no Brasil todo, foram marcados pela violência física e moral, sendo perseguidos por muitos anos na história, sofreram abusos, foram arrancados de suas próprias terras, se apropriaram de sua cultura como se fosse uma mera fantasia simbólica, mas não deixaram de resistir. A cultura desses povos é riquíssima!

As pesquisas enaltecem as habilidades desses povos para sobreviverem e resistirem diante de cenários hostis durante quase quarenta anos de conflitos orquestrados pelos agentes da colonização que almejavam firmar posição a partir do estabelecimento das fazendas de gado próximas ao rio Piauí. Entretanto, a grande mortandade verificada e documentada não significou o extermínio total dos pimenteiras. Seus descendentes hoje compartilham histórias, memórias, vivências e experiências ancestrais em várias partes do território Serra da Capivara, como no município de Caracol, onde encontramos muitas pessoas oriundas da família Dias-Marreca e que se entendem como herdeiros dos pimenteiras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Populações indígenas e Estados Nacionais latinoamericanos: novas abordagens historiográficas In: AZEVEDO, Cecília. RAMINELLI, Ronald. **História das Américas: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2011, p. 105-131.

BRASIL. **Lei no 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

COSTA, João Paulo Peixoto. A Farsa do extermínio. Reflexões para uma nova história do índio no Piauí. IN: PINHEIRO, Áurea; GONÇALVES, Luis Jorge; CALADO, Manuel (orgs). **Patrimônio arqueológico e cultura indígena**. Teresina: EdUFPI, 2011, p.141-161.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev..Katál**. Florianópolis, v. 10, n. esp. P.37-45, 2007.

NEGREIROS, Rômulo Macêdo Barreto. **As trilhas da morte no sertão das pimenteiras – PI (1769-1815): Caracterização e Reconhecimento arqueológico de um território**. Tese (Mestre em arqueologia). Universidade Federal de Pernambuco UFPE, Recife – PE, 2012.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e colonizadores, conflitos e resistências**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco UFPE, Recife – PE, 2007.

SANTOS, Carmecília Ferreira dos . **Tapuia/pimenteira: história e processo de territorialização dos Dias Marreca no município de Caracol Piauí**. Dissertação [Mestrado], Universidade Federal do Piauí Programa de Pós Graduação em Antropologia, Teresina, 2021.